



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

A morte de Nelson

Nelson Rodrigues nunca teve problemas em falar sobre a morte. Ela sempre esteve colada em seu corpo e ele jamais se esquivou de encará-la em crônicas, contos, peças ou entrevistas: "A morte é anterior a si mesma. Começa antes, muito antes. É todo um lento, suave, maravilhoso processo. O sujeito já começou a morrer e não sabe".

O amor e a morte eram os grandes temas de sua vida: "Morrer significa, em última análise, um pouco de vocação. Há vivos

tão pouco militantes que temos vontade de lhes enviar coroas ou de lhes atirar na cara a última pá de cal. Esses, sim, têm a vocação da morte". Apesar da obsessão, Nelson tinha uma enorme e visceral vocação para a vida.

A última crônica que escreveu não poderia ser mais dramática, épica e comovente. Nelson estava muito doente, debilitado desde os anos 1930, quando sobreviveu a uma tuberculose. A doença no pulmão se irradiou pelo corpo e fragilizou, especialmente, o coração.

Estávamos no início de dezembro de 1980. Disputavam a final do campeonato carioca o Vasco da Gama e o Fluminense, time de coração de Nelson há 60 mil anos antes do paraíso. O médico e amigo do cronista,

doutor Stand Murad, recomendou expressamente evitar qualquer emoção forte.

Nelsinho Filho proibiu que o pai ligasse o radinho de pilha e prometeu relatar todos os lances com detalhes. Ambos estavam com 200 megavolts de tensão. E se o Vasco fizesse um gol? E se o Flu empatasse e virasse o jogo? E se o Vasco revertesse o resultado? Não importava, qualquer acontecimento ou placar eram perigosos.

Nelsinho tremia de emoção, mas desconversava: "O Flu está bem". A partida virou 0x0. E logo no início do segundo tempo, o zagueiro Edinho cobrou uma falta e fez o gol que daria o título ao Fluminense. Nelsinho chorou lágrimas de esguicho, mas segurou a notícia. E se o Vasco virasse? Ufa,

finalmente, o drama acabou. Contudo, havia ainda o mais difícil: como contar a Nelson sem desencadear uma violenta emoção.

Com habilidade, Nelsinho declarou de maneira contida: o Fluminense era campeão. Nelson não tinha forças, mas arrancou um grito: "Preciso escrever". Não conseguia ordenar as palavras. Resolveu ditar para Nelsinho a última crônica: "Amigos, em futebol, nunca houve uma vitória improvisada. Tem sido assim através dos tempos. Tudo começou seis mil anos atrás. Vocês compreenderam?"

A crônica foi publicada em 2 de dezembro e, 18 dias depois, Nelson morreria: "A maior dignidade da morte é física. Nunca o homem é tão belo como quando está

morto", escreveu Nelson: "Porque tem então assegurada a eternidade, é na morte que o homem tem o seu rosto verdadeiro. Na vida, usamos máscaras sucessivas e contraditórias. Só a morte revela a nossa verdadeira face".

Em uma entrevista a Otto Lara Resende, ao ser perguntado sobre quais seriam as últimas palavras no leito de morte, Nelson respondeu: "O Marx é uma besta. Que boa besta é o Marx!". Nelson ficava indignado com o fato de o filósofo alemão nunca ter escrito nenhuma linha sobre o tema essencial. Mas Nelson partiu feliz, no êxtase do campeonato do Fluminense: "A morte é um grande despertar", intuiu o nosso profeta do óbvio.

MEIO AMBIENTE / Crescimento das áreas urbanas no DF afeta habitats e equilíbrio ambiental. Especialistas destacam a necessidade de se criar corredores para esses animais circularem, sem precisar ter contato com humanos

Impacto sobre a fauna silvestre

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Lobo-guará se feriu ao ficar preso em uma armadilha

» VITÓRIA TORRES

Com o avanço das cidades sobre áreas naturais, cresce também a necessidade de repensar a relação entre os humanos e a fauna silvestre. No Distrito Federal, a convivência com animais silvestres se tornou mais frequente, o que não significa algo a ser temido. Fragmentos de vegetação nativa, cada vez mais escassos e isolados, obrigam diversas espécies a se deslocarem por áreas urbanizadas em busca de alimento, abrigo ou rotas de fuga. A coexistência harmoniosa é o que vai ditar a preservação da biodiversidade e o equilíbrio ambiental.

A médica veterinária Juliana Junqueira, coordenadora de conservação de fauna do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), explica que a presença de animais silvestres nas cidades geralmente está ligada à perda de habitat, a incêndios que os forçam a fugir para zonas urbanas ou à ação humana direta, como a captura para criação doméstica, o que pode levar a solturas irresponsáveis e à introdução de espécies fora do seu ambiente natural.

"Quanto mais a cidade vai se desenvolvendo e invadindo as áreas naturais, mais os animais ficam sem rotas de fuga ou perdem o habitat natural e comem a aparecer nas cidades. Estamos entrando na seca, ou seja, vai

haver incêndios, o que vai acarretar em muitos animais em rota de fuga. Nós estamos tirando a casa deles. Também há casos de animais que são retirados ilegalmente da natureza. Algumas pessoas querem cuidar, mas isso não é possível, pois o animal vai crescer e entrar em processo de maturação sexual, ficar mais estressado, consequentemente sendo solto em qualquer lugar", detalha.

Ela destaca que o mais preocupante é a vontade de criarem animais silvestres, observando que macacos e papagaios são grupos bastante afetados pela prática.

Para receber, cuidar e reabilitar animais resgatados, apreendidos ou entregues voluntariamente, devolvendo-os à natureza, existem os Centros de Triagem de Animais Silvestres (Cetas). No entanto, a presença desses animais na cidade nem sempre exige intervenção. "Resgate é apenas nos casos em que os animais estão em risco ou feridos. Normalmente, é o humano que mata o animal", afirma Juliana.

Um projeto de corredores de fauna, que são faixas de vegetação que conectam áreas de habitats fragmentados, como florestas, matas e biomas, seria importante para

conectar esses fragmentos, garantindo segurança para os espécimes silvestres. "Esses corredores são pedaços de ecossistema que buscam conectar diferentes áreas de vegetação que são geograficamente fragmentadas por estradas. Seria uma solução para reduzir o número de animais entrando nas cidades", observa a médica veterinária Kadije Emanuelle Brandão, da clínica especializada em animais silvestres Exotic Life, na Asa Norte.

A população deve saber como agir diante desses encontros com a fauna silvestre. "O ideal é não alimentar os animais, para que mantenham o instinto de busca por alimento natural. Também é importante manter distância e acionar os órgãos responsáveis, caso o animal esteja ferido". Segundo Kadije, entre os animais mais frequentemente encontrados estão periquitos-do-encontro-amarelo, corujas, urubus, bem-te-vis, sabiás, araras, saruês, saguis, capivaras, tamanduás, cobras, tartarugas e jabutis.

Convivência

Um exemplo de convivência respeitosa com a fauna silvestre em áreas urbanas é o de Giulia Studart, 34 anos, moradora da Asa Sul. Com família residindo próxima a uma reserva no Lago Sul, ela presenciou diversos animais em ambientes urbanos. "Já entram dentro da casa saruê, cobra, morcego e sapo. Até capivara eu

cheguei a ver em uma rua acima da casa. Mas o mais surpreendente pra mim foi ver a raposa-do-campo próximo ao portão", conta.

Situações que antes pareciam incomuns, como encontrar capivaras e tamanduás em áreas de circulação de pessoas ou aves nidificando em telhados tornaram-se mais comuns. O biólogo e gerente de fauna silvestre do Instituto Brasília Ambiental (Ibram) Rodrigo Augusto Santos alerta que retirar esses animais nem sempre é a solução mais adequada. "É importante que as pessoas compreendam que, muitas vezes, os animais não têm outra alternativa de local para se abrigar". A convivência pacífica, no entanto, exige responsabilidade. "Se um ninho de ave for encontrado em casa, o correto é aguardar a saída natural dos filhotes, pois a remoção de ninhos é crime ambiental. Esse manejo de habitat é uma forma simples e eficaz de prevenir conflitos", orienta.

O Ibram atende animais silvestres por meio do Hfaus, que recebe, por exemplo, seis capivaras atropeladas nas estradas esse ano — uma delas chegou a perder um olho. O hospital cuidou de outros animais silvestres atropelados, como um tamanduá-bandeira e uma jiboia. Houve um episódio em que um lobo-guará que ficou preso em uma armadilha de laço e teve ferimentos nas patas. Em outro, um pica-pau se feriu ao bater contra um vidro.

SAIBA MAIS

Resgates

- » Em 2024, ocorreram 2.574 resgates de fauna silvestre.
- » Em 2025, até agosto, foram 1.105 resgates, mais 2.500 aves resgatadas em uma única operação.

Regiões com mais ocorrências ambientais

- » Lago Sul (255); Ceilândia (149); Planaltina (126) e Gama (124).

Atendimento veterinário

- » De fevereiro de 2024, quando foi inaugurado, até julho de 2025, o Hfaus recebeu 3.124 animais, sendo a maioria de aves (1.919).
- » A maior parte dos atendimentos teve origem na região central de Brasília, com destaque para Asa Sul e Asa Norte, que juntas somaram 387 casos.

A quem recorrer

- » Caso encontre um animal silvestre ferido ou sendo mantido em cativeiro, a orientação é acionar o Batalhão de Polícia Militar Ambiental (BPMA) pelo telefone 190.

Fontes: Ibram e BPMA

LUTO

Adeus ao roqueiro Pil Popsonic

A despedida de um dos nomes mais criativos da cena musical de Brasília ocorreu, ontem, no Cemitério Campo da Esperança. Cerca de 200 pessoas homenagearam Luiz Henrique Soares Lima, o Pil Popsonic, fundador da banda Lucy and the Popsonics, que morreu no último domingo, aos 44 anos, em casa, com a família. O roqueiro lutava contra um câncer e deixa a esposa

Fernanda Maia, 43, e a filha Olga, de 10 anos.

Ao lado da esposa e parceira musical, Pil formou a icônica banda, em 2005. O som, uma mistura de rock e eletrônica, logo chamou atenção pelo estilo ousado e a presença de palco. No coração desse projeto, estava também "Lucy", a bateria eletrônica que virou símbolo do grupo, mesmo após a chegada do baterista

humano Beto Cavani.

"Ele fez história e deixa no mundo liberdade, amizade e companheirismo. Viveu 100 vidas em uma. Ele me ensinou a fazer aquilo que tenho na cabeça e colocar em prática", disse Fernanda.

Pil também fundou projetos como o Verdura Camisetas e o Negro Blue, misturando arte, música, moda e atitude. Para os amigos, ele era um símbolo de

autenticidade. O professor de artes Cláudio Bull, 55, que acompanhou a jornada artística do casal, relembrou o impacto que Pil teve na cultura local. "Eu fiquei muito animado com o trabalho deles. Então, ajudei a produzir o primeiro disco. O Pil tinha um ótimo senso de estética e música. Ele deixou muitas heranças, interferindo na moda e na música. Era um talento plural e uma figura singular". (VT)

Minervino Júnior/CB/D.A. Press



Emoção marcou o velório de uma das figuras musicais da cidade



Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 17 de setembro de 2025

» Campo da Esperança

Antônio Teixeira Filho, 79 anos
Edilene Pinheiro da Silva, 59 anos
Francisco Wellington Alves, 81 anos
Islladdy Pereira Bastos, 36 anos
Jacó Feitosa de Carvalho Filho, 79 anos
Júlio César de Oliveira Padilha, 66 anos
Luiz Henrique Soares Lima, 44 anos
Maria da Encarnação, 88 anos
Maria de Jesus, 88 anos
Maria do Socorro Oliveira, 84 anos
Marina Pilotti Ferraz, 87 anos
Mauri Luis de Oliveira, 62 anos
Ranulfo Ribeiro, 95 anos
Rosa Perdiz Carvalho de Jesus, 98 anos
Rubens Pires de Albuquerque, 75 anos

» Taguatinga

Antônio Assis Joel da Silva, 76 anos
Conceição Aparecida Silva, 61 anos
Deni Gonçalves, 81 anos

Elizabete Dias de Lima, 72 anos
Elzira Alcântara Campos, 76 anos
Isaías Pereira da Costa, 84 anos
Izabel Alves Ferreira, 83 anos
Joana Isaías do Carmo Teodoro, 79 anos
José Augusto Figueiroa, 93 anos
José Bernardo Rodrigues Cruz, 69 anos
Luiz Fabiano de Jesus Silva, 22 anos
Luzia dos Reis Chaves, 70 anos
Manoel Ildefonso de Barros, 90 anos
Vandeth Nazario de Oliveira, 72 anos
Veranice Maria de Jesus, 52 anos

» Planaltina

Adelzito Francisco de Souza, 87 anos
Francisco de Brito Camelo, 77 anos
Maria Ferreira dos Santos, 86 anos
Rayssa Nayara Pereira Silva, 37 anos

» Gama

Aluzinete de Almeida Silva, 60
Francelino Silva Neto, 61
Gisane de Oliveira Almeida, 44
Kieza do Nascimento, menos de 1 ano
Lúcia de Melo Soares, menos de 1 ano
Valdomiro dos Santos Franca, 84 anos

» Brazlândia

Alzira Galvão de Sousa, 77 anos

» Sobradinho

Cícero Leandro de Freitas, 54 anos
Dagmar Oliveira do Carmo, 93 anos
Leandro Oliveira da Costa, 36 anos
Lourdes Pires da Silva, 74 anos
Marcos Antônio da Penha, 64 anos
Nely Vilma Ferreira, 84 anos

» Jardim Metropolitano

Marcelo Porto Marsico, 65 anos
Eunice Alves de Carvalho, 68 anos
Maria da Conceição Oliveira, 85 anos
Sinedalva Ferreira da Silva, 66 anos (cremação)

Solarcoop Cooperativa de Geração de Energia Solar

CNPJ nº 37.590.802/0001-09 - NIRE: 53400010911
Sociedade Cooperativa
Assembleia Geral Extraordinária

Edital de Convocação
Ficam convocados todos os(as) 21 (vinte e um) Cooperados(as), nos termos do art. 17 do Estatuto Social da Solarcoop - Cooperativa de Geração de Energia Solar ("Cooperativa"), a se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, a ser realizada no dia **29 de setembro de 2025, às 09h00, em primeira convocação, às 10h00, em segunda convocação e às 11h00, em terceira convocação.** A Assembleia ocorrerá eletronicamente, nos termos do parágrafo único do art. 43-A da Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971, a fim de deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia: **Ordem do Dia:** 1. Prestação de contas da Diretoria; 2. Destinação das sobras apuradas ou rateio das perdas decorrentes da insuficiência das contribuições para cobertura das despesas da sociedade; 3. O aproveitamento dos créditos em benefício da Cooperativa com a consequente alteração da titularidade da conta de energia elétrica do Ed. Sede CNP Seguros Holding Brasil para a SOLARCOOP; e, 4. Outros assuntos de interesse da Cooperativa. **Informações: Quórum de instalação:** • Em primeira convocação: presença de 2/3 (dois terços) do número de associados (14 cooperados); • Em segunda convocação: presença de metade mais 1 (um) dos associados (11 cooperados); • Em terceira convocação: presença de, no mínimo, 10 (dez) associados (10 cooperados). **Quórum de deliberação:** • 2/3 dos associados presentes, sendo certo que cada associado presente terá direito a 1 (um) voto. **Participação Virtual:** A participação se dará virtualmente, por intermédio do endereço e voto enviado por e-mail. Brasília/DF, 17 de setembro de 2025. **Sany de Jesus Mota Silveira** - Diretora Presidente.